

## Imagem e desafios da profissão docente

A missão pedagógica dos professores reveste-se de grande complexidade humana, dada a responsabilidade antropológica que lhe é inerente. Trata-se, afinal, de trabalhar com pessoas e numa perspectiva de promover a sua personalidade e humanidade. *A relação entre educador e educando, que sustenta a experiência educativa, constitui uma modalidade de encontro humano que, de forma muito particular, contribui para a realização do projecto antropológico* (Baptista, 1998, pág. 63).

Deste modo, o professor é colocado face a novos reptos que, para além dos saberes inerentes à profissão, exigem um conjunto de competências sociais e humanas e sem as quais se torna inexequível o exercício de uma nova profissionalidade configurada pelos desafios do Séc. XXI. Na mesma linha de raciocínio, os professores são convidados a desenvolver e a liderar *um processo de transformação social* (Carneiro, 2003, pág. 175).

No entanto, ainda hoje, como refere Andy Hargreaves, *a imagem popular do trabalho do professor retrata-o como uma actividade desempenhada com crianças no interior de salas de aula – fazer perguntas, emitir orientações, dar conselhos, manter a ordem, apresentar materiais, aliviar o trabalho das crianças ou corrigir os seus erros. Estas actividades e a preparação que é necessária para as organizar constituem, para a maior parte das pessoas, a própria definição do ensino* (1998, pág. 15). Mas, independentemente de tudo o que se diz dos professores, a verdade é que poucos não acreditam que ser professor e ensinar não é uma tarefa cada vez mais complexa e mais exigente.

Ora, tendo em referência a nova realidade da profissão docente, julgamos que importa reflectir a prática docente no quadro de uma «sociedade educativa», desejavelmente solidária e justa, contrariando a posição de alguns investigadores que recorrentemente admitem *a morte do professor* (Lyotard, 1987, citado por Teodoro, 2006, pág. 22). No seguimento do que já foi afirmado, a emergência do tempo contemporâneo reclama um professor «pedagogo» capaz de compreender, de intervir e de contribuir para as transformações positivas face à impressibilidade do futuro.

Nesse sentido, será decisivo educar para a compreensão, (des)construindo o significado da informação, encontrando a melhor forma de a utilizar como benefício, acautelando um sentido de responsabilidade individual e colectivo na educação e no sucesso dos alunos. Por isso espera-se, sobretudo, que o professor privilegie o pensamento dos alunos, os ajude a pensar criticamente contribuindo para a construção hermenêutica do seu conhecimento no sentido de lhes facultar a transição da informação para o conhecimento e do conhecimento para a sabedoria.

Entendemos, por isso, que o seu papel está longe de se esgotar. Parafraseando Roberto Carneiro, *os professores são cada vez mais necessários*, porque a matriz humana na escola prevalece sobre o mito tecnológico (2003, pág. 169).

Nesta perspectiva, num estudo recente, com o título *Professores e Escolas – a imagem social dos professores do ensino básico no Portugal contemporâneo – 1973-2005*, procurámos evidenciar os factores que

desafiam a profissionalidade docente no quadro da nossa contemporaneidade e que influenciam a imagem social da profissão. Os resultados permitem-nos concluir que a percepção geral dos cidadãos face à profissão professor é, claramente traduzida por uma imagem social valorizada, no dizer da maioria de inquiridos, quando consideram que «ser professor» é exercer uma profissão de prestígio social (64,3%).

Quando perguntamos aos inquiridos «o professor é para si», sugerindo oito possibilidades, averiguámos que a imagem social percebida é, ainda, associada ao seu papel tradicional «um transmissor de conhecimentos» (96,7%) e como «primeira *qualidade*» para ser professor» evidenciam a *competência técnica/científica* (39,3%) contrariando os desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo, que sublinham o seu papel como formadores, como mediadores, como construtores do conhecimento e *como profissionais da relação e agentes privilegiados da relação humana* (Baptista, 2005, pág. 88).

Constatamos, ainda, que apesar de, frequentemente, ser evidenciada uma imagem negativa (difundida por alguns), em contraponto, emerge neste estudo uma imagem pública positiva (quando a sociedade é convocada a opinar). Parece-nos, que entre estas duas realidades, existe o questionamento e o conflito permanente das sucessivas tutelas e de alguns fazedores de opinião pública, cujo acesso facilitado à comunicação social permite a divulgação das suas ideias, construindo e desconstruindo imagens, com efeito público imediato.

Assim, confirmando o que foi dito, revemo-nos nas palavras de Gimeno Sacristán, quando afirma que *podría decirse que su función es muy importante, pero las figuras que lo desempeñan, no tanto* (2007, pág. 19).

Pretendendo representar os desafios do trabalho do professor do ensino básico no Sé. XXI recorremos a três metáforas: i) «Professor-arquitecto», no sentido de que desenhará os alicerces da educação básica de cada aluno ao contribuir para a construção hermenêutica do seu conhecimento; ii) «Professor-influenciador» porque a ele caberá motivar, com o seu exemplo, a personalidade humana, o reforço dos direitos humanos, favorecendo a tolerância e compreensão entre todos; iii) «Professor-construtor» porque, a ele caberá juntar as peças do *puzzle*, respeitar a singularidade de cada um e edificar o futuro, juntando a memória do ontem e a oportunidade do amanhã.

Evangelina Bonifácio

(Doutorada em História da Educação)

DREN – EAE Nordeste, Terra Fria e Arribas

evangelina.silva@dren.min-edu.pt

## Referências Bibliográficas:

- BAPTISTA, Isabel (1998). *Ética e Educação - Estatuto Ético da Relação Educativa*. Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto.
- BAPTISTA, Isabel (2005). *Dar Rosto ao Futuro: A educação como compromisso ético*. Editora Profedições, Porto.
- CARNEIRO, Roberto (2003). *Fundamentos da Educação e da Aprendizagem - 21 ensaios para o século 21*. Edição da Fundação Manuel Leão, Vila Nova de Gaia, 2ª edição.
- HARGREAVES, Andy (1998). *Os Professores em Tempos de Mudança: O Trabalho e a Cultura dos Professores na Idade Pós-Moderna*. Editora McGraw-Hill de Portugal, Alfragide.
- SACRISTÁN, J. Gimeno (2007). "¿De donde viene la crisis de la profesión docente", in Cuadernos de Pedagogía, El Profesorado, monográfico nº 374, Edita Wolters Kluwer, España, Diciembre, pág. 63.
- TEODORO, António (2006). *Professores, Para Quê? Mudanças e Desafios na Profissão Docente*. Profedições, Porto.